

A MAGIA DOS CONTOS DE FADA E SUA APROPRIAÇÃO PELA MÍDIA

Carolina Chamizo Henrique Babo¹

Resumo

Na tentativa de fazer uma leitura comparativa entre os contos de fada e os atuais produtos midiáticos deles originados, no presente trabalho, concentro-me no estudo, descrição e análise de algumas personagens representadas pelas figuras arquetípicas da Grande Mãe, do Velho Sábio e do Herói. A proposta central é identificar o lugar e a importância desses elementos em sua forma original e verificar como se efetua a transposição dos mesmos em distintas produções cinematográficas da atualidade. Como quadro de referenciais teóricos, utilizo-me dos estudos de Joseph Campbell e das teorias de Carl Gustav Jung e Marie Louise Von Franz.

Palavras-chave: Mídia. Produtos Midiáticos. Contos de Fada. Narrativas. Arquétipos.

Contos maravilhosos infantis são narrados para que em sua luz suave e pura os primeiros pensamentos, as primeiras forças do coração despertem e vicejem; uma vez que sua singela poesia, sua íntima verdade pode alegrar e instruir todo e qualquer ser humano. (GRIMM, 2012, p.12-13)

Há quem pense que os contos de fada sejam apenas histórias de crianças. Alegorias narradas aos pequenos antes de dormir ou uma forma de distração para que os mesmos passem o tempo, lendo um livro ou assistindo seu desenho preferido na televisão, enquanto seus pais, os adultos, aqueles que acreditam não mais precisarem disso, trabalham ou fazem algo muito importante. Essas pessoas enganam-se por pensar assim, pois, de acordo com os estudos do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, os contos são, na realidade, um dos mais admiráveis meios de comunicação que possuímos com o nosso inconsciente. Ao lado dos sonhos, eles representam a forma mais pura de diálogo com esse lado desconhecido de nossa psique, a porta que se abre para o “País das Maravilhas”.

Mas o que é afinal um conto de fada? Alguns diriam tratarem-se de histórias fantásticas, narrativas que trazem ensinamentos, jornadas que proporcionam aprendizados aos

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Cásper Líbero. E-mail: chamizocarol@hotmail.com.

seres humanos, contos responsáveis por expor a aventura de um herói que passa por diversos perigos e encontra, após uma virada surpreendente, um final feliz ou merecido. Tentemos ir além. Mais interessante do que procurar uma explicação fechada e encerrada em definições, o ideal seria senti-los, compreendê-los, deixá-los fluir livremente em momentos de magia e reflexão.

Infelizmente (ou felizmente) parece não haver combinação alguma de palavras que represente sua real importância e que tenha condições de defini-los. Porque não se trata de um apanhado de conceitos. Isso nunca. Trata-se de uma profusão de sentimentos. Repletos de encanto e magia, os contos de fada devem ser lidos com o coração. Tentar usar a visão para entendê-los seria um erro muito grave. Traria a cegueira da alma.

Essas belas narrativas contadas pelos seres humanos desde os tempos mais remotos são originadas no interior, em contato direto com a sua essência. Jung denomina esse lugar, onde nascem e vivem as histórias, como inconsciente coletivo, sendo esse uma camada mais profunda do inconsciente, habitada por conteúdos idênticos, os arquétipos, e compartilhada por toda a espécie humana. O inconsciente coletivo surge como o espaço responsável por originar as nossas mais diversas formas de mitologia. É ele o primeiro reino encantado da fantasia.

Analisando os contos de fada, em especial, poderíamos usar também a expressão “mágico maravilhoso”, para nos referirmos a esse reino encantado, pois só pode ser mágico um espaço povoado por príncipes e princesas, heróis e heroínas, gigantes, ogros, animais, bruxas e fadas. E só pode ser maravilhoso o que, a partir dele, é criado. Essa capacidade de narrar, de simbolizar, de sonhar e de encontrar o “era uma vez” no reino da imaginação. O mais curioso é pensar que essa fascinante terra seja, na verdade, nosso mundo interior e que essas estruturas que tanto nos encantam, correspondam a traços da nossa personalidade.

Como parte fundamental da psique, os contos de fada habitam nossa alma, dialogando a todo o momento com o que temos de mais valioso dentro de nós: nosso universo simbólico, nossa capacidade de criar narrativas, inventar histórias e exteriorizar sonhos. Estudá-los e compreendê-los significa estudar e compreender não somente a história humana, mas, e principalmente, a história de cada ser humano, uma vez que eles pertencem aos reinos encantados do inconsciente coletivo e refletem diretamente na nossa mais importante forma de fantasia, ou de representação simbólica, que é a própria vida.

Povoado por estruturas comuns, denominadas por Jung como arquétipos, que seriam, em suas próprias palavras, “tipos arcaicos – ou melhor – primordiais, isto é, imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos” (JUNG, 2012, p.13), o “mágico maravilhoso”, representado pelo inconsciente coletivo e pela capacidade humana de contar histórias, exibe a força que carrega em si ao oferecer contos tão simples, porém, que tocam diretamente a quem os escuta.

Ao contrário do mito, que apresenta uma forma mais elaborada, o conto de fada oferece uma narrativa direta e, por vezes, até infantil, natural. Embora tenhamos maior contato com essa forma literária, especialmente pelos escritos de Jacob e Wilhelm Grimm, Charles Perrault, Hans Christian Andersen, Joseph Jacobs e Jeanne-Marie LePrince de Beaumont, a origem desses contos maravilhosos perde-se no tempo. Seu contorno original compreende histórias contadas oralmente, havendo registros de sua existência entre as mais antigas civilizações. De acordo com Marie Louise Von Franz:

Pelos escritos de Platão sabemos que as mulheres mais velhas contavam às suas crianças histórias simbólicas – “mythoi”. (...) Mas temos uma informação ainda mais antiga, porque os contos de fada também foram encontrados nas colunas e papiros egípcios, sendo um dos mais famosos, o dos dois irmãos, Anubis e Bata. (...) Nossa tradição escrita data aproximadamente de 3.000 anos e o que é mais interessante, os temas básicos não mudaram muito. (...) Existem indícios de que alguns temas principais de contos se reportam a 25.000 anos a.C., mantendo-se praticamente inalterados (FRANZ, 2012, p.11-12)

No entanto, fazer uma comparação entre mitos e contos de fada não é a proposta do presente texto. Não há motivos para confrontá-los. Eles são formados pela mesma essência, originam-se no mesmo lugar, falam para o mesmo ser, utilizam a mesma forma de linguagem simbólica e comunicam a mesma mensagem central. As estruturas podem ser caracterizadas de maneiras distintas, como veremos a seguir, a partir do estudo, descrição e análise de algumas personagens bastante conhecidas pelo público, representadas pelas figuras arquetípicas da Grande Mãe, do Velho Sábio e do Herói. No entanto, embora recebam diferentes nomes e possam ser encontradas sob diversos disfarces, a influência, força e significação que esses arquétipos irão exercer serão os mesmos, seja nos contos de fadas, nos mitos antigos ou nas “mitologias midiáticas” de nosso tempo.

Dos Contos Oraís aos Contos Visuais: As Mitologias Midiáticas

Ao fazermos uma análise dos contos de fada, desde seu surgimento até a sua atual apropriação, podemos perceber que essa era uma tradição passada oralmente às crianças e as histórias eram contadas sem a ajuda de nenhum aparato, senão a própria voz e a imaginação. Com o passar dos anos, esses contos foram organizados sob a forma de livros e a nova regra ditava uma leitura feita pelas mães para os filhos, ou pela própria criança, na qual valiosas lições eram aprendidas por meio de suas narrativas simbólicas. No entanto, com a chegada do cinema e, posteriormente, da televisão, a nova mãe, a “mãe mídia”, passa a contar as histórias por meio de suas imagens, muito mais atraentes e fáceis para as crianças, que só precisam olhar para a tela e absorver a narrativa exposta. Assim nascem as “mitologias midiáticas”.

Compreendidas a partir de produções cinematográficas baseadas em temas mitológicos e de fantasia, que serão, posteriormente, transformadas, recriadas e reinventadas, em obras de colorido alucinante e roteiros livremente adaptados, essa nova forma de contar histórias pode ser facilmente entendida quando pensamos nas releituras dos contos de fada lançados em nosso tempo.

Como alguns exemplos disso, podemos observar uma grande quantidade de filmes que, em seus títulos, temas ou personagens centrais, recriam, em novas versões, os antigos contos, como é o caso de *Branca de Neve e o Caçador*, *Espelho*, *Espelho Meu*, *A Garota da Capa Vermelha*, *Irmãos Grimm*, *Encantada*, *Alice no País das Maravilhas*, *Peter Pan*, *Para Sempre Cinderela*, *Uma Garota Encantada*, *João e Maria – Caçadores de Bruxas*, *Oz, Mágico e Poderoso* e *Jack, O Caçador de Gigantes*.

Se recorrermos às animações, a lista também é extensa e conta com *Tinker Bell*, *Shrek*, *O Gato de Botas*, *Deu a Louca na Cinderela*, *Deu a Louca na Chapeuzinho*, *Enrolados* e *A Princesa e o Sapo*, além dos clássicos *Branca de Neve e os Sete Anões*, *Cinderela*, *A Bela Adormecida*, *A Bela e a Fera* e *A Pequena Sereia*. Vale ainda acrescentar aqui, nesse levantamento de produções que trazem os temas dos contos de fada de forma bastante explícita em seu conteúdo, os seriados televisivos *Once Upon a Time* e *Grimm*.

Além dessa forma de apropriação citada, onde as antigas narrativas são adaptadas e transformadas, na tentativa de adequarem-se às novas regras do consumo imagético sem, no entanto, disfarçarem seu referencial original, há ainda outra forma de aparição dessas “mitologias midiáticas” a partir de produções que utilizam-se das mesmas estruturas arquetípicas, embora o público não perceba o que está consumindo.

Nesses casos, não existem referências diretas às antigas tradições ou aos contos maravilhosos, lugar no qual eles certamente inspiram-se ou do qual originam-se. Ao contrário, são oferecidas novas histórias, ou narrativas contemporâneas, mas que também acontecem em um reino, ou melhor, uma “galáxia muito, muito distante”, possuem um código de linguagem específico e geram uma legião de adoradores.

Esse é o caso das produções *Star Wars*, *O Senhor dos Anéis*, *Matrix*, e *Harry Potter*, clássicos exemplos que trazem o tema do “herói escolhido”, em uma releitura da Bíblia e de antigos mitos que a precederam. Ou, ainda, do mais recente desses fenômenos, a saga *Crepúsculo*, a qual pode ser interpretada como uma colagem pós-moderna dos contos de fada.

Os temas e personagens das histórias orais ou das “mitologias midiáticas” repetem-se, confundem-se, inspiram-se, citam-se. Originados pelo inconsciente ou apropriados pela mídia, não seria, no entanto, a missão desses conteúdos arquetípicos idêntica? Além de auxiliar na criação das histórias fantásticas, os arquétipos, imagens de estrutura semelhante, que se repetem em todas as culturas, moldam a nossa jornada, definem quem nós somos, dialogam com nosso interior e nos alertam para perigos. Ora, não seria por isso que todas as meninas ainda hesitam antes de morder uma maçã?

O Arquétipo da Grande Mãe: A Rainha Má

“Espelho, espelho meu, existe no mundo alguém mais bela do que eu?” (GRIMM, 2012, p.247)

O espelho. Ponto máximo do encontro com a imagem, esse foi o instrumento utilizado pela Rainha Má para determinar quem seria no mundo a mulher mais bela. A madrasta de *Branca de Neve*, em sua obsessiva busca pela juventude e beleza, origina uma das mais significativas representações do arquétipo da Grande Mãe encontrada nos contos de fada.

Nessa história podemos conhecer a faceta mais sombria, oculta e devoradora da imagem arquetípica, justamente o aspecto que surge com maior destaque nos contos maravilhosos. Os exemplos são inúmeros, basta que nos lembremos de *Cinderela*, *A Bela Adormecida*, *Rapunzel*, *Irmãozinho e Irmãzinha*, *João e Maria*, *Os Três Homenzinhos na Floresta*, *A Moça Sem Mãos*, *Os Doze Irmãos*, *O Patinho Feio* e *Gold Tree and Silver Tree*.

Há ainda o lado bondoso dessa imagem, que também pode ser encontrado nas histórias. Talvez o mais representativo surja em *A Protegida de Maria*. Há ainda a mãe zelosa e protetora dos contos *O Lobo e os Sete Cabritinhos* e *Rosa Vermelha e Rosa Branca*.

Entretanto, se pensarmos na representação desse arquétipo nas “mitologias midiáticas” da atualidade, podemos observar um interessante paradoxo. Nos contos de fada originais, a Grande Mãe possui atributos positivos ou negativos, sem que isso seja explicado ou contextualizado. A imagem é boa ou má, porque os arquétipos trazem essas propriedades inerentes a eles, “estes símbolos podem ter um sentido positivo, favorável, ou negativo e nefasto” (JUNG, 2012, p.88). Como parte de nossa própria personalidade, que também tem em si essa dualidade, eles refletem-se naturalmente nas histórias fantásticas. De acordo com Jung em relação ao arquétipo da Grande Mãe:

Seus atributos são o “maternal”: simplesmente a mágica autoridade do feminino; a sabedoria e a elevação espiritual além da razão; o bondoso, o que cuida, o que sustenta, o que proporciona as condições de crescimento, de fertilidade e alimento; o lugar da transformação mágica, do renascimento; o instinto e o impulso favoráveis; o secreto, o oculto, o obscuro, o abissal, o mundo dos mortos, o devorador, sedutor e venenoso, o apavorante e fatal (Jung, 2012, p.88)

A partir de dois exemplos atuais, que recriam o conto de *Branca de Neve*, o filme *Branca de Neve e o Caçador* e o seriado televisivo *Once Upon a Time*, as Rainhas Más dessas histórias têm sua maldade justificada por um passado que as transformou. Elas são perversas e cruéis porque possuem um motivo. Nossa sociedade parece entender, portanto, a maldade devido aos acontecimentos que marcaram a vida das rainhas em questão.

Esse é o principal ponto de discordância entre os contos maravilhosos e as “mitologias midiáticas”. Nessas últimas, o belo torna-se mais importante que o bom, o oposto daquilo que o conto tenta retratar. Nele, Branca de Neve é mais bonita que a Rainha, em função de sua bondade. Essa é a mensagem central da história.

Nas “mitologias midiáticas” citadas, as Rainhas Más, e não Branca de Neve, tornam-se as novas figuras centrais da narrativa, em um reflexo e mesmo uma nova regra dessa cultura imposta pela mídia, que tudo aceita, desde que a imagem que a embale seja prazerosa e desde que o espelho responda que ela sempre será a mais bela.

Talvez, então, seja por isso que as Brancas de Neve de nosso tempo vivam como pequenos Narcisos apegadas a suas imagens e afogadas em uma vida vazia e sem corpo. O espelho de nossa cultura parece ter vencido a bondade dos contos.

O Arquétipo do Velho Sábio: O Reino Encantado das Fadas

Ora, perguntaria um ouvinte mais atento, por que chamam-se contos de fada, se nem todas as narrativas pertencentes a esse estilo exibem uma fada? Se apelarmos ao senso comum, aquele que nos orienta em nossa própria experiência, a fada pode ser descrita como um pequeno ser dotado de magia. Se recorrermos ao dicionário, temos a seguinte definição “entidade fantástica com poder sobrenatural” (HOLANDA, 2010, p.394). Em um dicionário de símbolos podemos encontrar outras noções:

Mestra da magia, a fada simboliza os poderes paranormais do espírito, ou as capacidades mágicas da imaginação (...) A fada participa do sobrenatural, porque sua vida é contínua, e não descontínua como a nossa e como a de todas as coisas vivas desse mundo (...) Por isso, as fadas jamais se deixam ver, senão de modo intermitente, como os eclipses; embora subsistam, em sua essência, de modo permanente. Poder-se-ia dizer o mesmo sobre as manifestações do inconsciente. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2005, p.415-416)

Magia, espírito, imaginação. O reino habitado por esses seres se oferece rico e misterioso, como é rico e misterioso o mundo do inconsciente, em especial, do inconsciente coletivo, do qual elas fazem parte, povoando-o, com suas agitadas asas e experientes varinhas. Poderiam as fadas, então, ter fornecido o impulso que fizesse o ser humano capaz de exteriorizar as suas próprias fantasias? Teriam elas conversado com o homem primitivo para que ele contasse suas histórias, narrasse seus sonhos? Seriam elas as responsáveis pelo surgimento das primeiras aventuras em nosso inconsciente? Estariam elas nessas aventuras? A resposta a todas essas perguntas seria, provavelmente, sim, pois estamos no terreno do encantado, do simbólico, do sobrenatural, da essência, da alma humana.

As fadas guiam os homens em seu próprio destino, tecendo o fio de sua vida, como as parcas gregas, as moiras romanas, as nornas nórdicas, ou as protetoras da *Bela Adormecida*, que revertem o feitiço da morte, em um sono profundo, alterando seu futuro. “Em geral, reunidas em grupos de três, as fadas puxam do fuso o fio do destino humano, enrolam-no na roca de fiar e cortam-no com sua tesoura quando chega a hora” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2005, p.415). Como o fuso é parte fundamental dessa história, seu simbolismo torna-se claro no movimento de nascimento, vida e morte da personagem, mostrando que suas fadas sempre a acompanharão e a auxiliarão.

Elas podem ser representadas também pela bela Fada Azul, de *Pinóquio*, responsável por revelar a magia presente no inconsciente do boneco de madeira. Aliada à sua consciência, o grilo falante, essa fada faz com que Pinóquio ganhe vida, em um dos mais poéticos processos de individuação já representados nos contos.

Outra de suas facetas manifesta-se na Fada Madrinha, a bondosa mulher que surge para presentear Cinderela com um lindo vestido e o tão sonhado sapatinho de cristal. Assim, a fada possibilita que a jovem vá ao baile e encontre o príncipe encantado, determinando seu destino.

Em comum, essas personagens têm, além da magia, a mesma missão, pois surgem para ajudar o herói ou heroína da história, nos momentos mais difíceis de sua jornada. Portanto, elas representam o arquétipo do Velho Sábio, que, de acordo com Joseph Campbell, pode ser assim descrito:

presença constante nos mitos e contos de fada, cujas palavras ajudam o herói nas provas e terrores da fantástica aventura. É ele que aparece e indica a brilhante espada mágica que matará o dragão-terror; ele conta sobre a noiva que espera e sobre o castelo dos mil tesouros, aplica o bálsamo curativo nas feridas quase fatais e, por fim, leva o conquistador de volta ao mundo da vida normal após a grande aventura na noite encantada. (CAMPBELL, 2010, p.19)

Em nosso tempo, essa imagem aparece na forma dos personagens Obi Wan Kenobi e Mestre Yoda, no clássico *Star Wars*; de Gandalf, na obra *O Senhor dos Anéis*; do mago Dumbledore, ou do elfo Dobbie (uma clara referência à tradição celta dos contos de fada), na história do bruxo *Harry Potter*; de Morpheus, no filme de ficção científica *Matrix*; e de Alice, a vampira de poderes paranormais que prevê o futuro e auxilia a jovem protagonista de *Crepúsculo* em sua jornada. Semelhantes em relação à missão dada às fadas dos contos, os Velhos Sábios dessas histórias também têm como característica central o destino dos protagonistas.

Concebido pela magia e habitando o mundo fantástico, não importa qual a forma que esse arquétipo possa assumir, ele sempre surgirá como uma fonte de auxílio nos momentos em que mais precisarmos dele. Seja para tecer o fio de nossa vida, nos presentear com sapatinhos de cristal ou para nos transformar em seres humanos reais.

O Arquétipo do Herói: Psique, Bela e Isabella

Tema mais antigo que a própria descoberta da consciência no homem, o herói simboliza o desenvolvimento da psique. Suas facetas e os estágios de sua história podem ser entendidos como os estágios de evolução da nossa própria personalidade. Ele aparece como um salvador da humanidade (ou de sua própria humanidade), passa por diversas provações, enfrenta os mais terríveis perigos e, por fim, tem um retorno transformado.

De acordo com Joseph Campbell, esse personagem, originado em qualquer mitologia, religião ou conto, apresenta uma jornada bastante semelhante, sendo assinalada por três grandes momentos: a separação, a iniciação e o retorno.

Os exemplos nos mitos são incontáveis, como os gregos Aquiles, Hércules e Prometeu; o irlandês Cúchulain; o nórdico Sigurd; o egípcio Osíris e o bretão Arthur, além, é claro, de Jesus Cristo e Buda. Nas “mitologias midiáticas” de nosso tempo, também podemos enumerar alguns conhecidos representantes, como o cavaleiro jedi Luke Skywalker; o hobbit Frodo Baggins; Neo, o escolhido da Matrix; e o bruxo adolescente Harry Potter.

Em relação aos contos de fada, enumerar os heróis de suas narrativas seria tão difícil quanto enumerar as próprias narrativas. Eles são retratados como os príncipes destemidos e as bondosas donzelas, ou podem surgir, até mesmo, na forma de animais. Suas estruturas, simples, puras e prontas para atingirem qualquer ser humano tratam, justamente, do próprio ser humano. Assim, cada um de seus personagens centrais é o herói da história, pois eles precisam comunicar-se com o herói que os escuta.

Talvez o mais conhecido dos arquétipos, seja também o mais simples de ser compreendido, pois sua estrutura corresponde à nossa jornada; seus feitos, aos nossos desafios; suas vitórias, às nossas conquistas, suas existências, às nossas vidas. Enfim, os heróis somos todos nós. De acordo com Marie-Louise Von Franz, “identificar-se a esse estilo de personagem é tão evidente e espontâneo que é difícil manter uma certa objetividade em relação a elas; nós nos reconhecemos nelas, vivemos suas aventuras imaginárias” (FRANZ, 2010, p.35).

Para essa análise, uma famosa heroína, cuja história repete-se em forma de mito, conto e “mitologia midiática” foi a escolhida. Seu nome pode ser conhecido por muitas formas, mas sua jornada é a mesma: a busca pelo amor. Para tal comparação, a visualização dessas

personagens será feita por meio de uma tabela, baseada nas histórias de *Eros e Psique*, *A Bela e a Fera* e *Crepúsculo*.

	Psique	Bela	(Isa)Bella
Era Uma Vez	Uma jovem chamada Psique que, por ser considerada mais bela que a própria deusa Afrodite, despertou a ira da mesma	Uma jovem chamada Bela que, devido a sua simplicidade e bondade sentia-se diferente de suas irmãs e das outras pessoas	Uma garota comum, Isabella, mas que preferia ser chamada de Bella. Filha de pais separados, a garota não se sentia “encaixada” no mundo
Primeiro Encontro	Até que um dia, muito perto de ser sacrificada, por causa de Afrodite, a jovem é salva, mas acredita estar casada com um monstro	Até que um dia, para salvar seu pai, um mercador que estava aprisionado no castelo de uma terrível Fera, a menina troca de lugar com ele	Até que um dia, ela resolve morar com seu pai e, em uma nova escola, a jovem conhece um rapaz um pouco diferente dos demais, Edward
Revelação	Contrariando o pedido de seu marido, Psique resolve vê-lo e descobre que ele é, na verdade, o Deus do Amor, Eros	Após meses de convivência, a Fera manifesta certa bondade e romantismo, apaixonando-se pela garota	Após uma série de acontecimentos estranhos, a jovem descobre que Edward é, na verdade, um vampiro

Clímax	Após sofrer terríveis provações em consequência de seus atos (e do ciúme de Afrodite), Psique prova seu amor a Eros	Após uma prolongada visita a seu pai, Bela descobre que a Fera sofre sem ela e percebe que também o ama	Bella confessa seu amor ao vampiro, mas, mesmo assim, é abandonada por ele (que teme por sua vida) e passa por uma série de terríveis provações
Felizes Para Sempre	Psique ganha a imortalidade, representada por suas asas de borboleta e vive feliz para sempre com Eros, no Monte Olimpo	Com o juramento do amor, Bela quebra a maldição e a Fera volta a ser um belo príncipe. Os dois vivem felizes para sempre em seu castelo	Bella casa-se, tem uma filha e quase morre. Mas acaba sendo transformada em vampira e vive, literalmente, feliz para sempre com seu amado

Psique, Bela e (Isa)Bella são, portanto, três faces de uma mesma personagem, assim como Eros, Fera e Edward. O mito inspira o conto, que origina o filme, que apropria-se do mito para envolver o público, apaixonado pela “mitologia midiática”, sem saber o porquê.

O motivo é simples. Só estamos procurando no lugar errado. Não é no produto da cultura da imagem que ele está. Este só apropriou-se de seu referencial original, para contar uma mesma história com traços levemente distintos, na tentativa de seduzir o público com uma narrativa que ele já conhece, mas que não consegue re-conhecer. Devemos procurar nos símbolos originados pelo inconsciente coletivo, pois o contato com os arquétipos provoca nos seres humanos “uma intensidade emocional peculiar (...) como se forças poderosas fossem desencadeadas de cuja existência nem desconfiávamos.” (JUNG: 2012, p.128).

Assim, após uma pequena jornada pelo universo simbólico da alma humana, podemos retomar o pensamento original do texto e, então, sugerir, que os contos de fada são histórias para pessoas de todas as idades. Alegorias apreciadas por aqueles que querem saber como

recusar as maçãs envenenadas, reconhecer fadas encantadas ou adquirir belas asas de borboleta. Essas pessoas, certamente tocadas pela magia que as narrativas proporcionam, parecem seguir o caminho adequado. Somente por meio de um retorno a nós mesmos é que nos conheceremos melhor e encontraremos o nosso “felizes para sempre”.

Referências

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2010.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympo, 2005.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **Contos Maravilhosos Infantis e Domésticos**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

JACOBS, Joseph. **Celtic Fairy Tales**. Londres: Collector's Library, 2011.

JUNG, Carl Gustav. **O Homem e Seus Símbolos**. São Paulo: Nova Fronteira, 1996.

_____. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

_____. **O Espírito na Arte e na Ciência**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

MACHADO, Ana Maria. **Contos de Fadas de Perrault, Grimm, Andersen & Outros**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

VON FRANZ, Marie Louise. **O Feminino Nos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

_____. **A Interpretação Dos Contos de Fadas**. São Paulo: Paulus Editora, 1990.